



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

MULHERES NA FILOSOFIA: REFLEXÕES E EVIDÊNCIAS DA REALIDADE DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ

ROSELI MACHADO (DEADM-UNICENTRO)¹

LUCIANA KLANOVICZ (DEHIS-UNICENTRO)²

PATRÍCIA RIFFEL DE ALMEIDA (DEFIL-UNICENTRO)³

RESUMO

Nas últimas décadas, houve uma melhora significativa da representatividade feminina em diversas áreas da sociedade. A progressiva escolarização das mulheres brasileiras, intensificada na segunda metade do século XX, representou um fenômeno social marcante. A entrada delas nas universidades e na ciência superou quantitativamente as assimetrias de gênero em muitos segmentos. Entretanto, a ciência foi historicamente um empreendimento quase exclusivamente masculino, com reflexos atuais, especialmente na filosofia, tradicionalmente dominada por homens. Este estudo analisa a presença de mulheres filósofas no Sistema Estadual de Ensino Superior do Paraná, traça o perfil das docentes atuantes e compara produção científica e atividades de orientação com seus pares masculinos, apontando que

1 Administradora e Mestre em Administração pela Universidade de São Paulo, Doutora em Desenvolvimento, na linha de Gênero, pela Unicentro. Email: romachado@unicentro.br

2 Doutora em História e coordenadora do Cieg/Unicentro. Email: lucianarfk@gmail.com

3 Graduada e mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Filosofia pela Unioeste, com estágio de doutorado-sanduiche na Universität Kassel. Professora colaboradora no Departamento de Filosofia da Unicentro. Email: patriciariffel@gmail.com

os dados podem ter relação com as raízes históricas da área e os desafios que as mulheres ainda enfrentam.

Palavras-chave: Gênero, Ciência, Universidades Paranaenses, Filosofia.

ABSTRACT

In recent decades, there has been a significant improvement in female representation in various areas of society. The progressive schooling of Brazilian women, which intensified in the second half of the 20th century, represented a remarkable social phenomenon. Their entry into universities and science quantitatively overcame gender asymmetries in many segments. However, science has historically been an almost exclusively male endeavor, with current repercussions, especially in philosophy, which has traditionally been dominated by men. This study analyzes the presence of women philosophers in the State Higher Education System of Paraná, outlines the profile of active female professors, and compares scientific production and mentoring activities with their male peers, pointing out that the data may be related to the historical roots of the field and the challenges that women still face.

Keywords: Gender, Science, Universities in Paraná, Philosophy.

INTRODUÇÃO

No Brasil, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017), houve avanços significativos para as mulheres no que diz respeito ao campo educacional. Apesar dessa transformação observada nas últimas décadas, o nível de instrução de mulheres, superior ao dos homens, ainda não reflete em equidade de rendimentos, sendo que para uma mesma função de nível superior, mulheres tendem a receber apenas 75% do rendimento total de homens e essa proporção ainda é menor entre os que possuem ensino superior completo (IPEA, 2017). O processo de feminização da educação superior é visível também na ocupação de postos docentes. Aproximadamente 47% do contingente atuante no nível superior é feminino, mantendo-se esse percentual quando consideradas apenas as universidades, instituições mais proeminentes do ensino superior brasileiro (INEP, 2020). Entretanto, tais avanços quantitativos não foram suficientes para erradicar as assimetrias de gênero nas instituições acadêmicas e científicas.

O sistema estadual de ensino superior do Paraná é um exemplo desse contexto mais amplo. Trata-se de uma rede de 7 universidades públicas estaduais – Universidades Estaduais de Londrina (UEL), de Maringá (UEM), de Ponta Grossa (UEPG), do Oeste do Paraná (UNIOESTE), do Centro-Oeste (UNICENTRO), do Norte do Paraná (UENP) e Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) –

que têm mais de oito mil docentes e ofertam quase 40 mil vagas distribuídas entre cursos de graduação e pós-graduação (MACHADO, 2023).

Este artigo analisa a presença de mulheres filósofas nesse sistema, com foco na identificação de um perfil das docentes atuantes na área, sob a ótica de gênero. O estudo é guiado pelo seguinte questionamento: de que forma as desigualdades de gênero observadas na área de Filosofia nas universidades estaduais do Paraná refletem padrões estruturais já identificados em estudos sobre a carreira acadêmica, especialmente no que se refere à produção científica, às oportunidades de orientação e à inserção em espaços de prestígio? A formulação dessa questão permite articular os dados coletados às interpretações consolidadas na literatura, situando as diferenças observadas entre homens e mulheres no contexto mais amplo das desigualdades de gênero que marcam a trajetória acadêmica na Filosofia.

Partimos de uma abordagem comparativa da produção científica e das atividades de orientação realizadas por essas docentes, em relação a seus pares do sexo masculino. O texto apoia-se em referenciais que discutem a exclusão histórica das mulheres da ciência e da Filosofia (SCHIEBINGER, 2001; HARDING, 1988; BEAUVOIR, 1980) e em estudos recentes que evidenciam a sub-representação feminina e o padrão de desigualdades na carreira acadêmica da área (ARAÚJO, 2015; 2019; 2025; HASLANGER, 2008; HASSOUN, 2022). As contribuições de Fraser (2010) e Fricker (2024) também orientam a compreensão das dimensões estruturais e epistêmicas dessas desigualdades, oferecendo o marco teórico que fundamenta a análise dos dados.

METODOLOGIA

O Paraná só perde do estado de São Paulo em número de universidades públicas estaduais no Brasil. A capacidade de formação profissional e de geração de conhecimento do conjunto dessas instituições pode ser inferida pela análise do quadro docente empregado (INEP, 2022).

Nas 7 instituições já mencionadas, desenvolve-se a chamada carreira do Magistério Público do Ensino Superior do Paraná, que atualmente é composta pelos cargos de docentes e servidores técnico-administrativos, em atividades e ensino de graduação e pós-graduação, pesquisa, extensão e gestão (SETI, 2022).

Realizamos um estudo de caráter transversal contemplando dados do corpo docente efetivo das sete universidades estudadas. Coletamos informações de fontes oficiais envolvendo a constituição do quadro de pessoal e a atuação docente, segregados por sexo, de 2010 a 2020.

Usamos a variável sexo como uma aproximação para classificar docentes dentro do sistema de gênero. Embora esta abordagem esteja distante de traduzir a diversidade de expressões de gênero, até o momento ela representa a única forma

de entrada de leitura de dados que são produzidos pelas instituições no Paraná, uma vez que as pessoas que são cadastradas no sistema só podem ser enquadradas a partir do sexo nesses registros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As sete universidades estaduais paranaenses contam com 5.458 docentes efetivos, destes, 2.806 (51,4%) são homens e 2.652 (48,6%) são mulheres. Embora esses percentuais sejam ligeiramente diferentes dos observados em nosso país, dado que a população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres (IBGE, 2019), mostram que o processo de feminilização da atividade docente vivenciado ao longo dos séculos XIX e XX, e que, inicialmente, ocorria em instituições de ensino fundamental, e, posteriormente, atingiu todos os níveis de ensino, também chegou às universidades estaduais paranaenses.

Além disso, as proporções verificadas no Paraná não são distintas daquelas encontradas nacionalmente no mesmo período, de que, do total de professores(as) em exercício no nível de ensino considerado, 53% são homens e 47% mulheres (INEP, 2022). No Quadro 1, apresentamos indicadores relativos ao perfil docente do sistema de ensino estudado.

Quadro 1 – Perfil do quadro docente efetivo, universidades estaduais paranaenses

Indicadores de perfil docente	Mulheres	Homens
Percentual atual no sistema	48,60%	51,40%
Idade média (média, anos completos)	48,6 anos	50,3 anos
Tempos de casa (média, anos completos)	14,8 anos	16,7 anos
Têm doutorado	80,70%	77,70%
Grande área do conhecimento (segundo CNPq)	Linguística, Letras e Artes	Engenharias
Declararam-se de pele branca	93,90%	93,10%

Nota: Percentual de docentes que se declaram de pele branca calculado apenas entre os respondentes, excluindo a categoria “não informado”.

Constatamos que, em média, os homens são ligeiramente mais velhos (50,3 anos) e têm carreiras mais longas (16,7 anos) do que as mulheres (idade média de 48,6 anos e 14,8 anos de carreira). No tocante à titulação, notamos que as mulheres superaram seus pares do sexo masculino, proporcionalmente e como um grupo, em termos de titulação.

Seguindo padrões nacionais e internacionais, Linguística, Letras e Artes apresenta-se como a área de conhecimento mais feminilizada. Em contrapartida, as áreas de Engenharia e Ciências Exatas e da Terra são bastante masculinizadas no sistema de ensino estudado.

A comparação das proporções de professores de pele branca no sistema estudado com dados populacionais, revela grandes disparidades e evidencia a existência de uma bolha. Ao passo em que 42,7% da população nacional declara-se branca, esse percentual assume 93,5% do quadro docente investigado. Pardos e pretos são 46,8% e 9,4% da população do país, e no sistema estudado, representam somente 3,7% e 1,2% do corpo docente, respectivamente.

MULHERES NA CARREIRA DE FILOSOFIA NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ

A análise do perfil de docentes da área de conhecimento da Filosofia revela uma expressiva sub-representação feminina. Conforme Tabela 1, o sistema conta com 100 docentes vinculados(as) à área de conhecimento, dos quais 83% são homens e apenas 17% são mulheres. A distribuição institucional evidencia que não há paridade em nenhuma das sete universidades públicas estaduais.

Tabela 1 – Perfil do quadro docente efetivo, segundo a área de conhecimento filosofia

Instituição	Masculino	Feminino	Total
UEL	17	7	24
UEM	14	2	16
UNIOESTE	24	5	29
UEPG	1	0	1
UNICENTRO	10	0	10
UENP	3	1	4
UNESPAR	14	2	16
Total	83	17	100

O Quadro 2 a seguir sintetiza os principais indicadores de perfil do corpo docente da área de Filosofia no sistema, discriminados por gênero.

Quadro 2 – Perfil do quadro docente efetivo na área de conhecimento de Filosofia, universidades estaduais paranaenses

Indicadores de perfil docente	Mulheres	Homens
Percentual atual no sistema	17,0%	83,0%
Idade média (média, anos completos)	48,6 anos	50,2 anos
Tempo de casa (média, anos completos)	12,2 anos	16,6 anos
Têm doutorado	94,1%	90,4%
Declararam-se de pele branca	100,0%	90,2%

Nota: Percentual de docentes que se declaram de pele branca calculado apenas entre os respondentes, excluindo a categoria “não informado”.

questão geracional: estão se qualificando mais tarde no sistema, e cruzar esses dados com o tempo médio.

Quanto à idade e tempo de trabalho, em média, as docentes de Filosofia possuem uma idade de 48,6 anos, com tempo de trabalho médio de 12,2 anos. Já os homens apresentam uma idade média de 50,2 anos e um tempo médio de trabalho de 16,6 anos. Ou seja, as mulheres docentes são, em média, mais jovens e possuem menos tempo de inserção profissional na carreira acadêmica em comparação aos seus colegas homens.

No tocante à escolaridade, a maior parte dos docentes, independentemente do gênero, possui título de doutorado, sendo que 91% dos docentes são doutores (75 homens e 16 mulheres). Esse perfil evidencia um quadro de alta qualificação, tanto entre homens quanto entre mulheres, com praticamente todas as docentes mulheres possuindo o doutorado. Complementarmente, a análise da distribuição segundo a cor da pele também revela um perfil marcado pela predominância de docentes brancos.

A participação como membro efetivo em Programas de Pós-Graduação mostra-se relativamente equilibrada entre homens e mulheres, mas ainda há uma ligeira diferença. Entre os homens, 41 são membros efetivos e 42 não participam. Entre as mulheres, 7 são membros efetivos e 10 não participam. Assim, cerca de 41% das mulheres participam como membro efetivo em programas de pós-graduação, proporção ligeiramente inferior à masculina.

A Tabela 2 sintetiza as médias anuais, ao longo da última década, da produção científica e das atividades de orientação realizadas por docentes de Filosofia, discriminadas por gênero, contemplando artigos, capítulos, livros, bem como orientações na graduação e pós-graduação.

Tabela 2 — Síntese da produção científica e das atividades de orientação, universidades estaduais paranaenses - Filosofia

Indicadores	Mulheres	Homens
Produção Científica (média anual)	2,73	2,35
Orientações de Pós-Graduação (média anual)	0,3	0,49
Orientações de Graduação (média anual)	1,53	1,19
Artigos publicados em periódicos (média anual)	0,64	0,83
Capítulos de livros publicados (média anual)	0,89	0,72
Livros editados ou organizados (média anual)	0,34	0,2
Livros publicados (média anual)	0,06	0,11

Na dimensão da produção científica e da atuação formativa, os dados apontam nuances importantes. As mulheres docentes apresentaram uma média anual de produção científica superior à dos homens: 2,73 itens frente a 2,35 itens para os homens. Essa diferença, embora modesta, evidencia que as mulheres que ocupam esse espaço o fazem com um padrão de produtividade intensa, desafiando estereótipos sobre a atuação acadêmica feminina.

Na atuação como orientadoras de pós-graduação, contudo, as mulheres possuem uma média inferior (0,30 orientações anuais) em relação aos homens (0,49). Esse dado pode refletir barreiras institucionais ao acesso e à permanência feminina como orientadoras em programas *stricto sensu*, ou indicar que as mulheres são mais recentes nessas funções, em consonância com seu menor tempo de inserção na carreira.

Por outro lado, as mulheres orientam mais frequentemente na graduação, com uma média de 1,53 orientações anuais, superior à média masculina (1,19). Este resultado sugere uma tendência à maior dedicação feminina às atividades pedagógicas na formação inicial de estudantes, alinhada a padrões institucionais e culturais que historicamente associam as mulheres a funções educacionais e de cuidado. O critério de concursos é a construção de uma régua científica produtivista baseada na produção de artigos. Nesse sentido, as mulheres também são prejudicadas.

Na análise específica das publicações, verifica-se que as mulheres publicam menos artigos em periódicos (0,64 frente a 0,83), mas superam os homens na publicação de capítulos de livros (0,89 frente a 0,72) e na organização de obras coletivas (0,34 frente a 0,20). Esses dados indicam possíveis estratégias distintas de inserção acadêmica: enquanto os homens mantêm uma leve superioridade na publicação periódica, as mulheres se destacam na produção colaborativa e na organização de livros e coletâneas, espaços importantes de construção e circulação de conhecimento.

Por fim, a publicação de livros autorais apresenta médias baixas para ambos os gêneros, com leve superioridade masculina (0,11 para homens e 0,06 para mulheres), apontando para um campo onde a produção científica é mais intensamente concentrada em artigos e capítulos.

Em síntese, os resultados obtidos a partir deste estudo do corpo docente efetivo das sete universidades paranaenses estudadas apontam:

1. A menor média de docentes mulheres relativamente à média de docentes homens nos corpos docentes dos cursos de graduação em Filosofia, representando 17% do número total;
2. A menor média de docentes mulheres relativamente à média de docentes homens nos corpos docentes dos programas de pós-graduação em Filosofia;
3. A maior média feminina de produção científica;
4. A menor média feminina de publicação de artigos em periódicos;
5. A maior média feminina de publicação de capítulos de livros e organização de obras coletivas;

6. A menor média feminina de orientação total, somadas graduação e pós-graduação;

7. A maior média feminina de orientação na graduação.

Quanto à média de docentes mulheres, em geral, estes números ficam ainda abaixo da média nacional. O estudo pioneiro de Carolina Araújo acerca da presença das mulheres na graduação, mestrado, doutorado e corpo docente de programas de pós-graduação de todo o país mostrou que, neste último caso, as mulheres ocupam em média 19,95% das vagas (ARAÚJO, 2015). Outro estudo importante da mesma autora, publicado em 2019, mostrou que o gráfico da presença das mulheres e dos homens na carreira acadêmica em Filosofia no Brasil, construído com os dados coletados nos quatorze anos anteriores, possui a forma de um *“leaking pipeline”* ou *“tubulação com vazamento”*, com uma desproporção 36-64% de estudantes mulheres e homens na saída da graduação, uma desproporção 30-70% na conclusão do mestrado, uma desproporção 27-73% na saída do doutorado e uma desproporção de 20-80% entre os de pós-graduação (ARAÚJO, 2019). Neste estudo, a média de docentes mulheres obtida foi de 20,14%.

O estudo também evidenciou que os homens tiveram, ao longo dos quatorze anos imediatamente anteriores à publicação do estudo, mais do que o dobro da oportunidade das mulheres de chegar ao topo da carreira (entendido como o cargo de docentes universitários em PPGs), além de ter indicado uma tendência ao aumento da desigualdade ao longo deste período. Isto porque constatou-se que há piores perspectivas para a geração de mulheres que ingressou na graduação em Filosofia em 2008 do que para aquela que ingressou em 2005:

Se a média de docentes mulheres se mantiver em 20,14%, as chances dos ingressantes na graduação em 2008 seriam de 20,1/38,8 (0,5) para as mulheres e de 79,9/61,2 (1,3) para os homens. Para essa geração, as chances das mulheres seriam de 38,5% das dos homens, o que indica que a oportunidade de cada uma das mulheres dessa geração pode ser 2,6 vezes menor que a dos homens. Nesse quadro, há para a geração de 2008 piores perspectivas que para a geração de 2005. Assim, se a média da oportunidade das mulheres é 43,6% da dos homens, ela é a média de uma série histórica que se comporta em decréscimo da oportunidade: de 50% na geração de 2005 para uma previsão de 38,5% para a geração de 2008, há uma redução de 11,5% nas chances de uma geração para a seguinte (ARAÚJO, 2019, p. 29).

Atualmente, números atualizados e novos estudos provenientes do projeto *“Quantas filósofas?”* coordenado por por Araújo são publicados regularmente no site da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Ainda outro estudo, publicado neste ano, apontou as desigualdades de gênero na pós-graduação no Brasil no que diz respeito às combinações possíveis entre orientandos e orientadores homens

e mulheres, constatando que, na Filosofia, os homens orientaram mais do que o dobro, e as mulheres quase o dobro, de homens que mulheres (ARAÚJO, 2025).

A menor presença feminina na área de Filosofia também acompanha padrões internacionais, como apontado por estudos empíricos acerca do *gender gap* na área que documentam a sub-representação do corpo docente feminino na filosofia ou a assimetria da presença feminina na publicação em periódicos (HASLANGER, 2008; HASSOUN, 2022).

Quanto ao presente estudo, os números parecem confirmar a perpetuação de estereótipos associados ao gênero feminino, como a sua vinculação a funções educacionais e de cuidado, como já apontado acima. Neste sentido, sabe-se que as mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica, constituindo 79,2% do efetivo total (INEP, 2023). Tudo se passa como se essa tendência se reproduzisse na atuação das mulheres no ensino superior na área de Filosofia, as quais terminam por assumir as funções mais ligadas à formação inicial dos estudantes, seja para a pesquisa, seja para a docência, mais do que as funções ligadas à pesquisa. Note-se que a maior média feminina de organização de obras coletivas também pode ser vista, em parte, como ligada à preocupação com a formação inicial dos estudantes, na medida em que estas obras são um espaço de publicação para os mesmos.

Por outro lado, a maior média feminina de publicação de capítulos de livros - e não de artigos científicos - pode eventualmente refletir a sobrecarga das mulheres com as atividades ligadas à formação dos estudantes, como apontado na maior média de orientação de TCCs na graduação, considerando de forma geral o menor tempo exigido para a redação de um capítulo de livro relativamente à confecção de um artigo científico. No entanto, a pontuação de capítulos de livros em processos seletivos costuma ser muito menor do que a pontuação de artigos científicos publicados em periódicos, o que se reflete na desvantagem das mulheres no acesso ao corpo docente de programas de pós-graduação e a bolsas de pesquisa. Igualmente, a pontuação de orientações de graduação, em que as mulheres lideram, costuma ser ínfima comparativamente às orientações de especialização, mestrado e doutorado nos processos seletivos. Finalmente, a função de integração e socialização envolvida na organização de obras coletivas também pode ser associada a um estereótipo atribuído historicamente às mulheres - responsáveis pela organização de eventos sociais e a manutenção dos laços sociais da família com a comunidade etc.

Os resultados do estudo corroboram, assim, uma visão que já se tornou comum acerca da Filosofia no Brasil: a de ser a mais masculina - e a mais branca - das Ciências Humanas. Quais são as causas deste fenômeno? Sendo um espaço de poder como qualquer outro, a desigualdade de gênero na área resulta de condicionamentos econômicos, sociais, políticos e culturais que estabeleceram historicamente a posição subordinada das mulheres na hierarquia social. Em primeiro lugar, a dupla jornada

com o acúmulo do trabalho doméstico não remunerado, o cuidado com os filhos, com os idosos e outros membros da família oneram as mulheres muito mais do que os homens (cf. BHATTACHARYA, 2017).

Em segundo, os estereótipos e preconceitos relativamente às mulheres profundamente arraigados na cultura e continuamente reproduzidos tanto por homens quanto por mulheres contribuem para afastá-las da Filosofia, já que são consideradas menos afeitas à área. Com a internalização de estereótipos de “feminilidade” e de fins heterônomos, as mulheres são levadas a não verem a si próprias (para não falar em como as vêem os homens, em geral) como aptas ou inclinadas a áreas e atividades que exigem raciocínio lógico e abstração, como as ciências exatas, o xadrez ou a Filosofia. De maneira geral, elas já são mais educadas para o casamento do que para o estudo, e, quando são educadas para o estudo, optam por áreas menos desafiadoras e mais afins ao estereótipo feminino. Assim, a menor presença feminina na Filosofia assemelha-se à sua menor presença também nas áreas de Engenharia e Ciências Exatas. Neste sentido, as próprias mulheres escolhem não estudar Filosofia, pois, como afirmava Beauvoir já na década de 40, “a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define” (BEAUVOIR, 1980, p. 177).

Em terceiro lugar, o próprio ambiente fortemente identitário constitui um obstáculo à permanência e contribui para a evasão feminina. Além de sofrerem assédio e preconceito de gênero por parte dos próprios docentes, podendo ser preteridas em relação a candidatos homens em todos os níveis de atividade de pesquisa, o ambiente competitivo - assemelhado, por vezes, a um ambiente de luta, a visão da filosofia como *blood sport* (SWARTZ, 1994) - desfavorece a participação feminina, assim como a de qualquer pessoa que não se adéque a estas condições de interação. De modo mais geral, o ambiente parece mesmo tornar mais provável a expressão de um fenômeno às vezes relatado como uma espécie de “culto ao macho”, e, por tabela, de misoginia, como sua contraface ineliminável (RUSSELL e RADFORD, 1992). Este é um dos fatores que ajudam a compreender o alto índice de evasão e as dificuldades de permanência das mulheres na área. E aponta também para alguns elementos do que poderia ser uma solução: não bastaria simplesmente a alteração quantitativa do número de mulheres, sendo necessária uma mudança cultural da área. Esta mudança é necessária não apenas para a justiça de gênero, mas para a justiça em relação às pessoas com deficiência, pessoas racializadas etc. Como mostra Nancy Fraser, a injustiça de gênero, assim como a racial e outras, apenas podem ser compreendidas de maneira adequada a partir de suas três dimensões: econômica, cultural e de participação (FRASER, 2010).

A própria predominância avassaladora de homens na profissão gera um ciclo vicioso, uma vez que depende deles tomar iniciativas que conduzam à redução

da desigualdade de gênero, desigualdade esta, no entanto, que não constitui uma preocupação para a maior parte deles, muitas vezes sequer sendo notada, ou sendo naturalizada por meio de preconceitos quanto à inferioridade intelectual das mulheres, pouca habilidade para a Filosofia etc.

Em último lugar, talvez o padrão de produtividade intensa das mulheres possa ser explicado pelo fato de que é mais difícil para as mulheres atingirem o reconhecimento de seus pares, e de que elas precisam de um empenho maior a fim de serem julgadas merecedoras de reconhecimento. Estes mecanismos de opressão são estudados, por exemplo, na teoria do reconhecimento de Axel Honneth e Nancy Fraser, assim como na injustiça epistêmica de Miranda Fricker (FRICKER, 2024) e em outros debates em epistemologia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a presença de mulheres filósofas nas universidades estaduais do Paraná, traçar o perfil das docentes atuantes, bem como comparar a produção científica e as atividades de orientação realizadas por essas docentes em relação a seus pares masculinos. Os principais resultados indicaram que, embora as mulheres representem apenas 17% do corpo docente da área de Filosofia, elas possuem elevada qualificação acadêmica, com destaque para o percentual de doutoras, e apresentaram uma média anual de produção científica superior à dos homens. Além disso, as mulheres se destacaram na orientação de trabalhos de graduação e na organização de livros, embora permaneçam menos inseridas nos programas de pós-graduação e tenham menor produção de artigos em periódicos.

Os dados levantados revelam a permanência de um perfil docente majoritariamente masculino e branco, além de evidenciarem as barreiras que as mulheres ainda enfrentam para se inserir e se consolidar na carreira acadêmica na área da Filosofia. As assimetrias observadas podem estar associadas tanto às raízes históricas que marcaram a exclusão feminina do campo filosófico, como às dinâmicas institucionais contemporâneas que limitam sua plena participação, especialmente em espaços de prestígio acadêmico, como a pós-graduação e as publicações em periódicos de circulação internacional.

Atualmente, há diversas iniciativas que buscam refletir sobre a desigualdade de gênero na área de Filosofia e as maneiras de saná-la, como também resgatar mulheres filósofas que foram deixadas às margens do cânone. A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, criada em 2019, destaca-se neste sentido (cf. RAMOS, 2023). A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) conta atualmente com três grupos de trabalho (GTs) voltados a essas tarefas: o GT Filosofia e Gênero,

o GT Mulheres na História da Filosofia e o GT Raça, Gênero e Classe. Dentre as ações propostas para combater a desigualdade de gênero na área, costumam ser apontadas a inclusão de mulheres nas bibliografias das disciplinas na graduação em Filosofia, a organização de debates e eventos em torno da temática, assim como ações mais específicas como a adoção do índice do INEP de proporção de mulheres e homens na graduação como parâmetro para a distribuição de bolsas PIBIC e adotar a proporção entre homens e mulheres como índice de avaliação de PPGs pela CAPES (ARAÚJO, 2019). A construção de infraestruturas como brinquedotecas nas universidades, disponíveis tanto para estudantes quanto para docentes, também pode ser vista como um ponto que contribui para a amenização destas desigualdades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015. São Paulo: ANPOF, 2016, disponível em <http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf>, acesso em 10/2025.

_____. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 24, n. 1, jan.-jun. 2019.

ARAÚJO, Carolina, ... [et. al.]. “Mulheres que orientam mulheres: A filosofia em perspectiva comparada”. *Cadernos de Pesquisa*, 55, e10852, 2025.

BATTACHARYA, Tithi (ed.). *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression*. London: Pluto Press, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo. Vol. 1 - Fatos e Mitos*. Trad. de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FRASER, Nancy. “Redistribuição, Reconhecimento e Participação: Por uma Concepção Integrada de Justiça”. In: SARMENTO, Daniel ... [et al.]. (Coord.). *Igualdade, Diferença e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2010.

FRICKER, Miranda. *Injustiça Epistêmica – O Poder e a Ética do Conhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2024.

HARDING, Sandra. *Feminism and methodology: social science issues*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

HASLANGER, Sally. Changing the Ideology and Culture of Philosophy: Not by Reason (Alone). *Hypatia* 23, no. 2, pp. 210–23, 2008.

HASSOUN, Nicole... [et al]. The Past 110 Years: Historical Data on the Underrepresentation of Women in Philosophy Journals. *Ethics*, vol. 132, n. 3, abril 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil – População. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse estatística da educação superior 2020. Brasília: INEP, 2022.

_____. Censo Escolar 2022. Brasília: INEP, 2023.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: IPEA, 2017.

MACHADO, Roseli de Oliveira. *Todos iguais, mas uns mais iguais que os outros: relações de gênero na carreira universitária do Paraná*. 2023. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, 2023.

RAMOS, Silvana... [et al.]. “A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área de Filosofia”. *Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade*, 10 (23), pp. 37-47, 2023.

RUSSELL, Diana; RADFORD, Jill (Eds.). *Femicide: the politics of woman killing*. New York: Twayne Publishers/Maxwell Macmillan, 1992.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução de Valéria F. da Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SETI – SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR DO PARANÁ. Portal da Transparência – Estrutura Organizacional. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2022.

SWARTZ, Norman. *Philosophy as a Blood Sport*, 1994. Disponível em: https://www.sfu.ca/~swartz/blood_sport.htm